

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 033 05/09/2005 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (05/09/05)	Recortes
<p>Grãos (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Feijão carioca- R\$ 65,00 a 72,00 / sc de 60 kg Fonte: COARP</p> <p>Milho – R\$ 15,00 / sc de 60 kg</p> <p>Soja – R\$ 25,59 / sc de 60 kg Fonte: COOPA-DF</p> <p>Hortaliças (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Alface – R\$ 4,00 / cx de 7 kg</p> <p>Beterraba – R\$ 7,00/ cx 20 kg</p> <p>Cenoura – R\$ 5,00 / cx 20 kg</p> <p>Chuchu – R\$ 9,00 / cx 20 kg</p> <p>Couve Manteiga – R\$ 0,40 / (maço 500 g)</p> <p>Couve Flor – R\$ 12,00 / Dz</p> <p>Mandioca – R\$ 7,00 / cx 20 kg</p> <p>Morango – R\$ 3,00 / caixa (04 cumbucas de 350 g)</p> <p>Pimentão – R\$ 6,00 (C) a 7,00 (E) / cx 12 kg</p> <p>Repolho – R\$ 4,00 / sc 20 kg</p> <p>Tomate – R\$ 15,00 / cx 20 kg Fonte: CEASA-DF</p> <p>Fruticultura (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Goiaba – R\$ 35,00/ cx 20 kg</p> <p>Maracujá – R\$ 1,30/ kg</p> <p>Tangerina Ponkan R\$ 15,00/ cx 20 kg</p> <p>Limão – R\$ 28,00 / cx 20 kg Fonte: CEASA-DF</p> <p>Pecuária</p> <p>Bovino</p> <p>Arroba – R\$ 47,50 NR e R\$ 49,50 R Fonte: FRIGOALFA</p> <p>Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelrados) – R\$ 300,00 a 350,00 Fonte: Zoonews\ Ezio – Padre Bernardo</p> <p>Leite</p> <p>litro – R\$ 0,55 Fonte: Araguaia</p> <p>Suíno - Vivo</p> <p>Kg – R\$ 2,50 Fonte: Asa ALIMENTOS</p> <p>Aves – Frango Vivo</p> <p>Kg – R\$ 1,50 Fonte: Asa ALIMENTOS</p> <p>Carneiro</p> <p>Kg - R\$ 3,00 (Borrego) – carcaça R\$ 10,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte – carcaça R\$5,80 Fonte : LM</p>	<p>Selo para produtos orgânicos é criado na capital paranaense</p> <p>As feiras internacionais de alimentos orgânicos Biofach América, de Washington, e Biofach Japão, de Tóquio, vão abrir espaço para uma nova marca brasileira, o selo "Organic Brazil". Ele será usado em mercadorias de 15 produtores reunidos pela Agência de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil). A estréia será em setembro, mês em que ocorrem os dois eventos. Criado em parceria com o Instituto Paraná de Desenvolvimento (IPD) e a Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), o selo vai funcionar como um estimulador da aquisição de produtos brasileiros pelos consumidores estrangeiros e, em consequência, do incremento da exportação. Mas não é um certificador de mercadorias produzidas sem o uso de agrotóxicos e com preservação ambiental. Fonte: Gazeta do Paraná</p> <p>Exportação de carne podem chegar a US\$8 bilhões no ano</p> <p>As vendas de carnes bovina, suína e de aves para o exterior devem alcançar algo em torno de US\$ 8 bilhões neste ano, estima o secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Gabriel Alves Maciel. Caso essa estimativa se concretize, a venda de carnes brasileiras deverá desbancar o complexo soja do primeiro lugar das exportações do agronegócio, como indicou a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) ao anunciar, há duas semanas, o balanço das vendas internacionais de alimentos agrícolas, carnes e produtos lácteos, de janeiro a julho. As exportações totais do agronegócio somaram US\$ 24,2 bilhões no período - 9,1% a mais que os US\$ 22,2 bilhões registrados em igual período do ano passado. Contudo, ao contrário da soja, que perdeu valor no mercado internacional em relação a 2004, as carnes melhoraram de cotação lá fora e o Brasil ampliou o fornecimento para cerca de 40 países. Fonte: Agrolionk</p> <p>Litro do leite atinge menor preço em 17 meses</p> <p>Os pecuaristas leiteiros estão recebendo os menores preços dos últimos 17 meses. Os valores pagos em agosto - referentes ao leite entregue em julho - foram 10% inferiores aos registrados em junho. Na média, o leite esteve cotado em R\$ 0,50 o litro - semelhante a maio de 2004, quando voltou a subir depois de meses em crise. Em junho, o preço do leite já havia se desvalorizado em 4%, reflexo do aumento da produção e também da importação. "Os preços estavam saturados e as indústrias passaram a importar", diz o pesquisador. Segundo ele, apesar da menor importação em julho, o excesso de oferta reduziu as cotações.</p>

Fonte: Gazeta Mercantil

BB muda juros para custeio da safra

O produtor de cereais Frederico D'Avila, da região de Itapeva (SP), descobriu esta semana que apenas R\$ 50 mil de um total de R\$ 800 mil de financiamento para custeio solicitados por ele ao Banco do Brasil teriam taxa

de juros de 8,75% ao ano. Sobre o excedente, incidiriam taxas livres, que "inviabilizam o plantio", segundo D'Avila. "Se eu não conseguir taxas menores nos bancos particulares, vou plantar apenas as sementes guardadas da safra passada", afirma.

Há duas semanas, o Banco do Brasil mudou a forma de taxaço dos recursos concedidos para custeio da agricultura comercial e a taxa de juros controlada de 8,75% ao ano para a totalidade do crédito concedido passou a ser oferecida apenas para montantes até R\$ 50 mil.

"Acima desse valor, o cliente escolhe se quer contratar o excedente dos recursos, sobre o qual incide taxa livre de juros de 16% a 19% ao ano", diz o diretor de agronegócios do Banco do Brasil, Derci Alcântara. A instituição tem R\$ 14,647 bilhões disponíveis para custeio à agricultura comercial, do total de R\$ 27,5 bilhões para custeio, investimento e comercialização. No ano passado, o Banco do Brasil liberou R\$ 15,392 bilhões para custeio.

Segundo o diretor, a mudança nas regras da concessão de financiamento com taxas controladas deve-se à menor disponibilidade de recursos devido à prorrogação do custeio da safra 2004/05. "Queremos atender nossos 1,4 milhão de clientes cadastrados. Cerca de 95% dos produtores toma valores até R\$ 50 mil", diz.

Para montantes entre R\$ 50 mil e R\$ 100 mil, 70% do orçamento terá taxa de 8,75% ao ano. Entre R\$ 100 mil e R\$ 200 mil, a taxa controlada é oferecida para 50% do total. Cada produtor pode tomar no máximo valores semelhantes aos contratados no ano passado. "Vamos financiar apenas quem foi cliente em 2004. Não temos recursos para novos clientes e novas atividades", diz.

O diretor de agronegócios do Banco do Brasil reconhece que muitos produtores poderão deixar de contratar os recursos para custeio, em função do aumento das taxas de juros cobradas para valores acima de R\$ 50 mil.

Fonte: Gazeta Mercantil/Finanças & Mercados

Cresce o risco do crédito agrícola

A quantidade de empréstimos considerados bons é a menor dos últimos cinco anos. A crise que afetou a agricultura está deixando o crédito mais seletivo. Segundo dados do Banco Central do Brasil, no primeiro semestre, os níveis de risco do setor caíram. Há um ano, 59,6% dos empréstimos eram avaliados nos melhores índices (A e AA, ou seja, com atraso de, no máximo, 30 dias). Hoje o valor é de 54,6%. É o menor índice desde 2000.

O economista Glauco Carvalho, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Monitoramento por Satélite), que analisou os dados do Banco Central, explica que os números ainda não refletem os atrasos no pagamento do custeio - uma vez que se tratam de valores do primeiro semestre. "Mas indicam que os produtores se endividaram mais", avalia. Outra percepção dos números do Banco Central é que o crescimento dos valores emprestados está menor do que nos outros anos. "O crédito está mais seletivo", afirma Carvalho.

Para Marcelo Prado, sócio da MPrado Consultoria Empresarial e Associados, o risco do crédito agrícola aumentou porque o cenário do setor mudou, com uma forte queda de renda, provocada pela seca do Centro-Sul do País, pelos preços das commodities e pelo câmbio.

Carvalho acredita que os dados do Banco Central indicam o fim de um ciclo de expansão do agronegócio. "O cenário é de empréstimos mais caros", afirma. Prova disso é a mudança que os bancos têm feito na liberação dos recursos, reduzindo o limite de crédito a juros fixos (ver matéria abaixo). "A menor oferta de crédito é fruto da liquidez", afirma o vice-presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Carlos Sperotto. É por isso que eles pedem que seja efetivado o alongamento dos débitos, acordado com o governo.

"As mudanças dos bancos reflete a menor oferta de recursos equalizáveis", diz o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Ivan Wedekin. Segundo ele, os bancos têm feito mix de juros porque o retorno dos financiamentos anteriores está menor, devido à renegociação. Apesar de o governo não poder interferir nas regras dos bancos, Wedekin disse que o ministério está negociando com a área econômica para que sejam liberados mais recursos equalizáveis.

"Toda a prorrogação vai impactar no risco do cliente e no volume de crédito ofertado", diz Ademiro Vian, assessor de crédito rural Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban). Os principais bancos privados que trabalham com crédito rural informaram que ainda estão analisando as estratégias para a safra 2005/06. O gerente de Desenvolvimento de Cooperativas da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), Ramón Belisário, diz que os produtores vão pagar mais caro pelo financiamento e, com isso, ficarão mais descapitalizados. Segundo analistas de mercado e representantes do setor, com os riscos mais altos para o crédito, a restrição aos empréstimos será maior, o que deverá impactar na produção da próxima safra. Todos são unânimes em afirmar que haverá redução da área plantada e também da tecnologia empregada. "Os números já mostram queda nas vendas dos insumos", diz Vian. Para Sperotto, a próxima safra pode ficar abaixo de 100 milhões de toneladas. "Podemos estar entrando em um ciclo de degeneração de tudo o que se fez até agora", afirma.

Fonte: Gazeta Mercantil/Finanças & Mercados